

“Às vezes dói ser mulher”

Vitória Batista Calmon de Passos

Sempre sonhei com um final feliz para minha vida. Agora, porém, em meus últimos momentos, como sempre vi nos filmes, começam a passar imagens na minha cabeça sobre tudo o que vivi. E o que mais dói é o fato de que não há quase nenhuma lembrança boa a ser recordada.

Minha mãe se chamava Fernanda, mas ela morreu no meu parto. Eu acreditava que tinha sido melhor assim, pois achava que ela não gostaria de criar uma filha “do meu tipo”. Até meu pai sempre me dizia que fui a pior coisa que aconteceu na vida dele. E até hoje não consigo entender porque ele não me largou em algum orfanato.

Tenho um irmão, seu nome é Fabio. Papai o idolatra. Desde que eu era criança, o ouvia falar sobre como tinha orgulho de ser homem e de ter um “filho homem”. Ele dizia que Fábio era seu “garoto de ouro” e eu, sua vergonha. Essas coisas sempre me faziam desejar ter nascido menino.

Em casa, ouvia todos os dias que mulher não tinha direito de pensar, isso era “coisa para homem fazer”. “Mulher tinha mais é que esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque”. Jamais compreendi tais coisas, mas segundo papai e Fábio, as mulheres só serviam para “fazer filhos e cuidar da comida e da casa”.

Eu só pude ir à escola porque Raquel, a assistente social da minha cidade obrigou meu pai a me permitir. Ela era linda, inteligente e educada, exatamente o contrário do que eu sabia sobre uma mulher. E no meu íntimo, queria com todas as forças do meu ser, me tornar alguém como ela no futuro, apesar de saber que isso jamais aconteceria.

A escola passou a ser meu refúgio. Lá estava livre de toda a dor que meu pai e meu irmão me causavam. Assim que aprendi a ler, virei uma verdadeira “devoradora de livros”. Sempre que podia, pegava um emprestado na biblioteca. E em casa, depois que eu terminava todas as minhas “obrigações”, escondida de papai, começava a ler, me “transportava” para os mais diversos lugares e “vivia” as mais incríveis aventuras.

Certa vez, li um livro que não recordo o título, entretanto, me marcou profundamente. Era a história de um garoto que perdeu os pais ainda bebê, mas ele não sabia o porquê de ser órfão. Até que descobriu que seus pais haviam morrido para salvá-lo de um assassino. Ao ler aquilo

o invejei com todo meu coração. Por diversos motivos. Mas, principalmente, por ser menino e porque ele, apesar de órfão, tinha algo que eu nunca tive ou teria: amor.

Às vezes meu pai me deixava sair no sábado. E em um desses dias abençoados fui até o parque da cidade. Sentei-me num banco e fiquei observando todas as famílias felizes que ali estavam. O que mais me chamou a atenção foi uma menina aparentemente da minha idade (10 anos). Ela tinha duas bonecas em suas mãos e divertia-se bastante com elas. Enquanto isso, eu imaginava como seria bom divertir-me daquele jeito também.

Em determinado momento, a menina fitou-me com o olhar e assim ficamos nos observando por alguns minutos. De repente, ela caminhou em minha direção e fiquei com muito medo que ela me repreendesse por olhá-la, mas o que aconteceu me surpreendeu. Ela chegou, sentou-se ao meu lado, não disse nada e me deu uma de suas bonecas. Fiquei sem reação. Eu não sabia o que pensar. A bondade, a solidariedade e o carinho eram sentimentos que eu desconhecia. Nesse momento, não me contive e chorei; chorei tudo o que jamais chorara antes.

Naquele simples gesto de uma menina que eu nunca tinha visto, recebi muito mais amor do que em toda a minha vida com meu pai e meu irmão. Agradei a Laura, esse era o seu nome, e neste momento, nós duas estávamos com lágrimas nos olhos. Então, fui embora imensamente feliz com o presente que ganhara.

Ao chegar em casa, como já deveria esperar, acabou toda minha alegria. Quando entrei, Fábio viu o brinquedo, arrancou-o de mim e entregou a papai dizendo que eu havia roubado. Eu neguei, contei o que tinha acontecido, mas não adiantou. Meu pai chamou-me de ladra e completou dizendo que eu não deveria perder tempo com bonecas. Dessa forma, em minha frente, quebrou a boneca que eu acabara de ganhar.

Dirigi-me até meu quarto e lá chorei novamente. Dessa vez, porém, de dor e principalmente um sentimento que eu nunca tinha sentido por minha família: ódio. Assim permaneci até dormir. E desde o acontecido, muito tempo se passou. Mas apesar de tudo que sofria continuei convivendo com essa realidade sem questionar nada, e ainda assim amava muito meu pai e meu irmão.

Com 15 anos, ingressei no Ensino Médio. Foi a partir daí que comecei a mudar. Surgiram novos professores e por causa de três professoras que tive - mulheres brilhantes por sinal – eu conheci a história de luta da classe feminina por cidadania e respeito ao longo de todas as

civilizações. Deparei-me com o movimento feminista e compreendi que não podia aceitar mais as humilhações de papai e de Fábio. Com isso, refleti sobre minha existência e percebi que as mulheres não eram seres inferiores e eu era capaz de realizar tudo que eu desejasse. Além disso, que neste século, elas, enfim tinham conquistado sua autonomia e comigo não deveria ser diferente.

Decidi que minha vida iria melhorar. Aprofundei-me mais no feminismo. Estava decidida a conhecer e espelhar-me entre as incríveis mulheres nele presentes. E os livros que passei a devorar sempre tinham alguma relação com esse tema. E então aconteceu aquilo...

Meu pai trabalhava muito e quando chegava sempre estava bastante cansado e com fome, e era meu dever segundo ele preparar sua comida. Por causa disso, levei a maior surra da minha vida e a que ocasionou o meu fim.

Ao chegar do colégio, diferentemente dos outros dias, aproveitei que não havia ninguém em casa e resolvi ler antes de preparar o jantar. Estava fascinada por minhas descobertas sobre a imensa capacidade do universo feminino e em meio às páginas da nova história perdi a noção do tempo. Não preparei nada e papai chegou quando estava finalizando mais um capítulo deitada no chão da sala.

Quando abriu a porta e se deparou com tal cena, meu pai ficou enfurecido. Como eu, uma “mulherzinha” poderia me achar no direito de ler alguma coisa? Ao ver o rosto dele senti tanto medo que podia ouvir meu coração saltar no peito pedindo socorro. E mais uma vez, depois de rasgar o livro que eu estava lendo, ele não me deixou esquecer que eu era “um inseto repugnante, o qual ele poderia esmagar a qualquer momento”.

Até esse instante ainda não havia apanhado de fato. Papai apenas me disse tais palavras dolorosas e foi em busca do jantar na cozinha. Foi nesse momento que percebi que não havia nada pronto para ele comer e senti que mais uma vez ele iria me bater. E foi exatamente assim. Quando meu pai se deparou com a cozinha sem a sua refeição, seu ódio só aumentou e ele veio até mim como nunca.

Nos segundos que tive entre a aproximação dele e a minha surra, fechei os olhos, implorei a Deus que papai não me matasse e disse ao meu amado algoz que aquilo era apenas um deslize e que ele não poderia me bater por tal motivo. Isso foi o que faltava para vir o primeiro chute. Seguido de muitos outros, além de socos e tapas. Após muitos deles, desmaiei.

Eu desmaiei de tanto apanhar por não cumprir a minha “obrigação de mulher”.

Quando acordei ainda estava no chão, no mesmo lugar onde apanhei. Meu corpo doía como nunca e eu não conseguia me mover. Dessa maneira, permaneci ali, rogando a Deus para me ajudar a levantar, pois meu pai e Fábio, esses eu tinha certeza que não o fariam.

Comecei a pensar no trecho de uma música da banda Rosa de Saron. Ele refletia os meus pensamentos naquele instante: “Nada pode ser melhor do que a verdade e o que existe nela, mas é preciso resistir à dor que vem com ela”. A verdade já era conhecida por mim, mas infelizmente tinha sido tarde demais porque era minha hora de partir. E assim eu morri.

Em vida nunca entendi porque meu pai me odiava tanto, mas acho que ele deveria ter razões as quais justificassem isso. Eu o perdoei por tudo, pois o meu amor por ele e por meu irmão foi maior que qualquer outra coisa.

Foi devido ao que aconteceu comigo, que pude observar todos os crimes cometidos impiedosamente contra a classe feminina. Massacres, assassinatos, estupros, surras. E tudo isso, infelizmente, é real até hoje na vida de muitas mulheres.

Não sei se isso acontecerá de fato, mas espero profundamente que minha morte não tenha sido em vão. Eu desejo que alguém faça algo para modificar essa realidade que não pertence apenas a mim. Diversas meninas, não só nesse país, mas em todos os outros, são subjugadas, humilhadas e violentadas com uma frequência absurda. A partir disso, é mais do que necessário uma mobilização para salvar essas crianças de um fim como o meu.

Portanto, só me resta dizer que me orgulho profundamente de ter nascido MULHER e pedir: “Senhor, livra-as de todo o mal, Amém”.